



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA

da FÁTIMA

(13 DE NOVEMBRO)

Fechado o ciclo das grandes peregrinações com a peregrinação nacional de Outubro, inicia-se agora de novo o período das pequenas romagens, menos movimentado mais simples e tranqüilo, mas por isso mesmo mais propício á oração, ao recolhimento, á paz própria dos lugares sagrados.

A manhã do dia treze acordou esplendida, inundando de luz e côr as cumiadas dos montes e os recessos dos vales e dos alcantis da serra.

Sentia-se em tôda a natureza animada um palpar de seiva, uma exuberância de vida, que ocultava a todos os olhos, ainda os mais atentos, os primeiros efeitos da quadra outonal, tão poética e tão inspiradora de doce saudade e de funda e suave melancolia.

A's nove horas da manhã já uma grande multidão se comprimia no local das aparições, assistindo devotamente ás missas que, de espaço a espaço, se celebravam no altar principal da capela nova, para que todos os fiéis pudessem nesse dia, que era um Domingo, satisfazer ao preceito da audição da Missa.

No Posto das verificações médicas o Dr. Pereira Gens, ajudado pelos servitas, procede á inscrição dos doentes que pouco a pouco vão aparecendo, embora em número muito inferior ao dos últimos meses.

Numa das galerias do Posto um amigo chama a nossa atenção para uma rapariga que está aguardando a sua vez de se apresentar ao director dos serviços médicos.

Dirigimo-nos a ela e, num pequeno círculo de pessoas conhecidas, que logo nos rodearam, começamos a interrogá-la.

Chama-se Laurinda Ferreira de Sousa, tem vinte e cinco anos de idade e é natural e moradora em S. Cosme de Gondomar.

Segundo um atestado que apresentou, passado pelo seu médico assistente, dr. Abel de Sousa Pacheco, do Porto, sofria de retroflexão uterina e ovarite esquerda.

Desde os quinze anos de idade que aquela doença a atormentava cruelmente. Tinha consultado diversos médicos sem resultado e por

cidir, com receio dum possível desenlace fatal.

Passavam-se estes factos em princípios do mês de Outubro próximo findo. Foi nessa altura que uma senhora do Porto, D. Amélia Gonçalves Vieira Ramada, moradora no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 106, sabendo do desejo que a enferma tinha de ir a Fátima antes da operação, com a esperança de a evitar, se prontificou a pagar um lugar de *camionette*, para que ela, que era pobre, pudesse incorporar-se na pequena peregrinação que se

nem tomar parte na adoração nocturna, passando a noite inteira deitada na *camionette*.

No dia seguinte amparada por algumas pessoas amigas, foi comungar, tendo-se já confessado na sua terra, e assistiu á missa do meio-dia.

Emquanto se celebrou o santo sacrificio, permaneceu no mesmo estado, sem apetite, cheia de dores e numa grande aflição interior, posto que acompanhada da mais perfeita conformidade com a vontade de Deus.

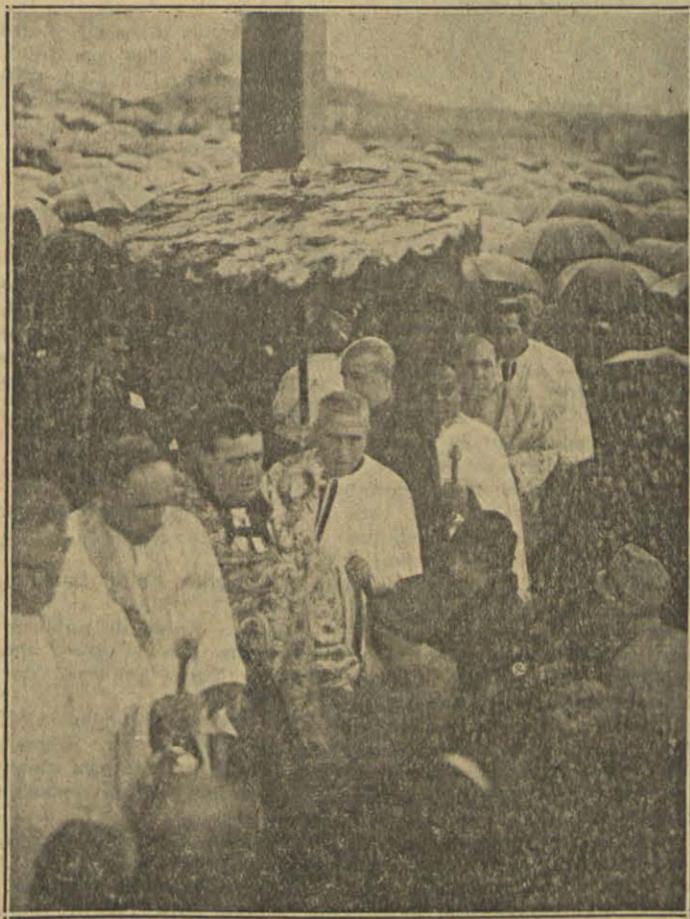
Termina a Missa e o venerando Bispo de Leiria, ricamente paramentado, com a custódia de ouro nas suas mãos sagradas, ladeado e seguido dalguns dignatários eclesiásticos entre os quais avulta o senhor Bispo de Beja, dá princípio á bênção dos doentes, que, em número de muitas centenas, estão dispostos em filas no recinto do Pavilhão.

Do alto da varanda do altar das missas, o rev.do capelão-director dos servitas, colocado em frente do microfone, faz em voz alta as invocações de Lourdes, que os megafónios reproduzem por tôda a parte na vasta esplanada e a que respondem em unísono as vozes de mais de duzentas mil pessoas.

Os ecos das montanhas adjacentes repercutem, engrandecendo-as e multiplicando-as, essas vozes que constituem um côro sublime e colossal, que se eleva para as alturas, fazendo suave e eficaz violência ao Céu, para abrir o cofre das graças divinas.

Quando o illustre Prelado Leiriense traça a cruz com a custódia sobre a desditosa peregrina de Gondomar, precisamente no momento em que ela repete com o povo a invocação que o sacerdote acabava de fazer—«*Senhor, dizei uma só palavra e eu serei curado*»—sente um frémito inexplicável percorrer-lhe o corpo todo, desde a cabeça até aos pés, perde momentaneamente os sentidos e, voltando logo a si, reconhece que as dores desapareceram por completo e experimenta um bem-estar indefinível, como ha muitos anos não experimentava.

Recebida a bênção geral, dirige-se sósinha para a *camionette* com grande surpresa de todos os peregrinos seus companheiros de viagem e, sentindo uma grande fraqueza e um apetite extraordinário, pede ao rev.do Abade que mande interrom-



O Sr. Bispo de Leiria dando a bênção aos doentes em 13 de Outubro
Um pouco atraz vê-se o Sr. Bispo de Beja

fim, havia quatro anos, era cliente do Dr. Abel Pacheco.

Nos últimos três meses piorou bastante, alimentando-se quasi exclusivamente de leite. O médico assistente aconselhara-a a submeter-se a uma operação que, embora a não curasse, aliviaria um pouco os seus incomportáveis sofrimentos.

A família da enferma opunha-se terminantemente a que ela fizesse a operação, considerada melindrosíssima, e nessas condições o seu espírito hesitava sem saber como se de-

estava organizando na freguesia de S. Cosme de Gondomar, para o dia treze de Outubro.

A *Camionette*, que conduzia aquele grupo, composto de vinte e duas pessoas, sob a direcção do abade, rev.do Crispim Gomes Leite, chegou á Cova da Iria, no dia doze á tarde.

A enferma sentiu-se muito mal durante tôda a viagem e, ao terminá-la, estava completamente exausta.

Não pôde assistir, bem a seu pesar, á grandiosa procissão das velas

per os cânticos de despedida á Virgem para se poder abrir o cesto dos farnéis.

Concluída a viagem de regresso, apresenta-se ao Dr. Abel Pacheco que, tendo-a examinado cuidadosamente, não lhe encontrou nenhum vestígio da antiga doença e a declarou completamente curada.

Voltou este mês a Fátima para agradecer a sua cura á Santíssima Virgem e proclamar com a sua presença no local das aparições o poder e a misericórdia da augusta Mãe de Deus.

O «Legionario de Gondomar» de cinco de Novembro, publica um relato circunstanciado deste caso extraordinario, devido á pena do seu illustrado director.

Um facto assaz memorável, que ficará para sempre registado em letras de ouro nos annos gloriosos de Fátima, assinala particularmente o dia treze de Novembro. E' a grandiosa e imponente peregrinação paroquial da freguezia de Milagres, diocese de Leiria, ao santuário das aparições. Organizada pelo respectivo pároco, rev.do José Ferreira de Lacerda, em retribuição da visita que a freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Fátima tinha feito em 8 de Setembro de 1732 á freguesia de Milagres, afim de oferecer a sua valiosa esmola para a construção do suntuoso templo do Senhor Jesus dos Milagres, nela se incorporaram cerca de setecentos dos seus paroquianos, animados de verdadeiro espirito de fé e piedade. Na igreja da freguesia numerosas pessoas se aproximaram do tribunal da penitencia nos dias onze e doze, saindo no dia doze á tarde aqueles a quem as suas posses ou devoção exigiam que fôsem a pé e partindo os duzentos inscritos no dia treze de manhã em oito camionettes, dois automóveis e um camião.

Na ida guardaram o silêncio, rezaram o terço, meditaram a Paixão e cantaram cânticos piedosos depois da passagem do Reguengo. Cada veículo tinha um chefe, a cujas instruções todos os peregrinos se submetiam de bom grado.

Celebradas a missa da peregrinação e a missa dos doentes e dada a bênção com o Santissimo, o rev.do pároco prega um eloquente sermão, sendo as suas palavras repetidas pelos megafónios, que funcionavam distintamente.

Terminado o sermão, organizou-se o cortejo para reconduzir a Imagem da Virgem á capela das aparições, tendo cabido a peregrinos da freguesia de Milagres a honra de levar o andor aos ombros.

Por fim, tendo sido entregue ao encarregado de receber os donativos para a construção da Basilica a quantia de mil e quinhentos escudos, produto das esmolas recolhidas na freguesia para aquele fim, todos os peregrinos cheios de alegria se dirigiram á Batalha para visitar o monumento das nossas glórias e orar sobre o tumulo dos soldados desconhecidos, onde o rev.do pároco, antigo capelão em França, proferiu uma sentida allocução religiosa e patriótica e pediu que de joelhos todos rezassem um Padre Nosso pelas almas dos que morreram pela Patria.

Entretanto, lá no alto da serra, no local das aparições, em tórno dos augustos santuários, os demais peregrinos recitavam devotamente as

ultimas preces e faziam com as lágrimas nos olhos as suas despedidas á Virgem, deixando as almas e os corações presos pelos laços da mais viva saudade áquela estancia de milagres e prodígios, áquela teatro das sublimes maravilhas de Deus.

Visconde de Montelo

AS CURAS DA FATIMA

Transcrevemos do esplendido semanario Legionario de Gondomar de 5 de novembro)

Laurinda Ferreira de Sousa é o seu nome. Tem 25 anos e é filha de Antonio de Sousa e de Leopoldina Ferreira, residindo no lugar de Ermentão, da freguesia de S. Cosme de Gondomar.

Há dez anos, diz ella, que tem sofrido horrorosamente, atormentada sempre pelas mais cruciantes dores. Tem consultado, desde então, varios medicos, que lhe têm aconselhado varios medicamentos e a têm sujeitado a diversos tratamentos, sem contudo alcançar grandes melhoras.

Há cinco anos, porém que vem sendo medicada e tratada pelo Dr. Abel Pacheco, esse habil e distinto medico-cirurgião, que tão conhecido é na cidade do Porto, e que, não obstante a doente em questão



Laurinda, miraculada em 13 de Outubro repentinamente á Bênção do Santissimo

ser extremamente pobre lhe fez a applicação de todos os tratamentos modernos.

Apesar, porém, do tratamento rigoroso a que foi sujeitada desde ha muito tempo por esse abalizado clinico, as melhoras que sentia eram poucas; pelo contrario, foi-se sentindo cada vez peor, o mal foi aumentando cada vez mais; as dores tornaram-se insupportaveis, a ponto de o medico lhe indicar ha alguns meses uma melindrosa operação uterina, como remedio para a enfermidade que a estava torturando.

Disse mais o mencionado medico que essa operação devia ser feita quanto antes, pois, de contrario, dentro em breve ella a querería fazer e já não lhe seria possível.

Estava, diz a Laurinda, resolvida, embora contra a vontade de seus pais, a fazer a operação aconselhada pelo medico, nos principios do mez de Outubro.

Alguem, porém, a aconselhou a ir a Fátima, para ver se Nossa Senhora se lembrava della, curando-a se fosse digna dessa graça.

Disse então ao Dr. Abel Pacheco que, embora com grande sacrificio, estava resolvida a ir a Fátima antes de se sujeitar á operação.

O medico respondeu-lhe que fizesse como quizesse, pois estava pronto a passar-lhe um atestado, em que indicaria a doença de que ella era portadora.

Efectivamente passou esse atestado que foi depois entregue em Fátima aos medicos que lá estavam, e no qual declarava que a paciente sofria de *retroflexão uterina e ovarite*.

Munida desse atestado e atormentada pelas mais agudas dores, a Laurinda Ferreira de Sousa dirigiu-se a Fátima no dia 12 do mez passado.

A viagem foi horrorosa para ella, não

podendo comer nada durante todo o tracto, pois tudo lhe fazia mal.

A noite de 12 para 13 passou-a no meio das mais cruciantes dores, não lhe sendo possível ir á Cova da Iria, nem incorporar-se na procissão das velas.

Amanheceu, porém, o dia 13. Ella, embora cheia de sofrimento, sente a resignação na alma.

Comunga com o fervor que lhe é possível e põe-se nas mãos de Deus... confiando plenamente na protecção da Virgem Imaculada.

A' hora da missa que vae ser celebrada pelos doentes, ella occupa o lugar que lhe é indicado.

Assiste a todas as cerimoniaes, recolhida, fervorosa e confiante.

Termina a missa e pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. Bispo de Leiria é dada aos doentes a bênção com o Santissimo Sacramento.

Chega a Laurinda a vez de receber a bênção do Pae do Ceu. Ao ser traçado sobre ella o sinal da cruz, sente-se, de repente, completamente transformada.

Parece que um véu, diz ella, a cobriu da cabeça até aos pés, sendo nessa ocasião que sentiu desaparecerem-lhe todas as dores. Desconfia de si mesma... parece que lhe custa acreditar... Mas na realidade, sente-se completamente curada.

Radiante em transportes da mais franca alegria, não sabe como agradecer á sua Mãe do ceu uma graça que não merecia...

No entretanto, do fundo da sua alma vae tributando, como sabe e como pode, á Virgem Nossa Senhora de Fátima o seu louvor e a sua gratidão.

E, realmente, a Virgem Santissima é digna dos maiores louvores, por um beneficio tão grande concedido a essa humilde filha de Gondomar.

Desde então essa venturosa creatura sente-se completamente outra.

Poucos momentos depois da cura, ella sente fome. Come de tudo, e agora nada lhe faz mal. A viagem no regresso é feita sem difficuldade alguma, manifestando sempre a grande alegria que lhe inunda a alma.

Publicamos a seguir o atestado medico anterior á cura com que a miraculada se apresentou no dia 13 de Outubro no Posto Medico, cabendo-lhe o n.º 153. Publicaremos o atestado posterior á cura logo que possamos obtê-lo.

ATESTADO

Abel de Sousa Pacheco medico-cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Atesto sob palavra de honra que Laurinda Ferreira de Souza, de S. Cosme de Gondomar, sofre de *retroflexão uterina e de ovarite esquerda desde ha muito tempo com notavel agravamento neste ano.*

Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assigno.

Porto 8 de outubro de 1927

Abel de Souza Pacheco

(Segue o reconhecimento)

João Vicente Artur Leandro, de Lavre, escreve:

«Peço a fineza de publicar no seu jornal, esta grande graça que obtive da Virgem Nossa Senhora do Rosario de Fátima.

Em 10 de Setembro de 1925 minha mulher, Maria José Ferreira Leandro adoeceu de repente com ataques de eclampsia e quando estes acabavam ficava como morta.

Chamado o medico, o qual depois de atenciosamente a observar, a sangrou e receitou uns medicamentos. Quando este estava para retirar, perguntei-lhe a sua opinião e me disse: sua mulher está muito mal, vejamos se conseguem que ella tome o remedio que receitei, o que deve ser difficil por ter os dentes serrados. Fiz tudo quanto estava ao meu alcance, não desanimei, e tenha fé em Deus. Experimentámos muitas vezes a ver se tomava uma colher de remedio e foi impossível. Eu estava como doido, pois bastava saber que com a mesma doença já tinham morrido duas primas e uma tia de minha mulher. Foi no meio desta grande aflicção que nos veio visitar a nossa prima D. Maria Filipa de Menezes, e se lembrou que havia aqui quem tinha agua de Nossa Senhora de Fátima, a quem se foi pedir alguma, aconselhando-me ella que promettesse, se minha mulher se salvasse, ir a Fátima com toda a minha familia agradecer á Virgem Santissima tão grande milagre. Assim que se lhe deu a primeira colherzinha da agua enguliu-a, a segunda tam-

nem e a seguir o remedio. Vi nisto um grande milagre, os ataques pararam, e começou a engulir e depois melhorando pouco a pouco. Por ser pouca a agua estavamos com receio que se acabasse e que felizmente não succedeu, porque minha prima e Madrinha D. Filipa d'Assunção Veiga (de Lisboa) me mandou pelo correio um frasco de agua de Nossa Senhora de Fátima, que sempre foi tomando. No dia 12 de Outubro nasceu uma menina, sendo minha mulher muito feliz. O medico admirou-se bastante em não mais ser chamado. A menina a quem a nossa prima D. Maria Filipa de Menezes deu logo o nome de Maria de Fátima, nasceu tão fraquinha que nem tinha força para mamar. Deu-se-lhe umas colherinhas de agua de Fátima, depois umas colherinhas de leite, até que ao fim de alguns dias, começou a mamar sendo criada ao peito até á idade de 15 mezes, com admiração de todos que sempre julgaram não se criar. Fui pagar a minha promessa em 13 de Junho ultimo. Chegamos á cova da Iria no dia 12, e assistimos a todas as cerimoniaes, minha mulher comungou meu filho Antonio de 7 anos fêz lá a sua primeira comunhão, minha filha Maria de Fátima, fêz lá 20 mezes. Agradeço reconhecido á Virgem Santissima Nossa Senhora do Rosario de Fátima, e que com a sua divina graça acuda áqueles que cheios de amor e de fé como eu a ella recorrem.

OUTRAS GRAÇAS

Tendo em nosso poder já ha bastante tempo, o relato de muitas centenas de graças obtidas por intervenção de N. Senhora de Fátima, vamos procurar resumir o maior numero para não demorar muito mais a publicação pedida:

Maria Adelaide Novaes de Taboado (Marco de Canavezes); D. Rosa Teixeira e D. Anna Teixeira dos Santos, da cidade de Vila Real; D. Maria Izabel Saldanha d'Oliveira e Souza (Sanatorio de Parede) numa grande aflicção e outras diferentes graças, incluindo a cura de uma pequena; G. B. seminarista de Beja, depois de recorrer a N. Senhora, obteve os meios materiaes necessarios para se conservar no Seminario; D. Gracia Maria Pinheiro, da casa de Pindela (vila Nova de Famalicão).

Rufina Rosa de Almeida, de Montebe-lo desaparecendo-lhe um tumor em uma noite;

D. Maria Rodrigues Lirio, de Ovar; D. Rosa Maria d'Oliveira Leite, de Ovar, tendo o medico declarado que tinha uma lesão no coração; D. Ludovina de Jesus Lopes, do Seixal; Maria de Jesus da Silva Bento, da freguesia de Dois Portos, vendo uma familia em grande aflicção e em uma desgraça eminente D. Maria Felisberta Ferreira de Souza, de Braga; D. Eugenia de Monfalim, começando uma doente a melhor logo que começou uma novena; D. Celeste Batista Mousaco, a cura radical de um abscesso; D. Teresa da Conceição Xavier Ramos Neto, de Figueira da Foz; a cura de seu marido; D. Emilia Santos, de Paredes (Douro), em dores horribis dos rins e outra doença grave; D. Ermelinda Nobre Guerreiro da Silva (Avenida Marquês de Tomar, 50-4.ª—Lisboa), uma graça concedida a sua filhinha; Antonio Roberto de Carvalho, de Vianna do Castelo, a cura de um sobrinho; D. E. de Jesus Barros, de Belem, em uma grande aflicção.

Seja eu homem honrado é quanto basta

Alto lá, meu amigo... Conforme se entender essa honradez.

Na lei de Deus a honradez estende-se a todos os actos do homem, tanto internos como externos, assim religiosos como naturais e civis tanto publicos como de caracter particular. E' a honradez completa, que abrange e comprehende o homem todo, no conjunto das suas relações e dos seus deveres, e portanto esta é a unica e verdadeira honradez.

A outra veste manga mais larga, contenta-se com muito pouca coisa, isto é, com o pouquissimo que basta para não levarem um cidadão á forca, á penitenciaria ou ao degredo.

Ha no mundo muitos exemplos destas duas especies de honradez. O homem honrado segundo a lei de Deus, conhece o que deve ao seu Creador, presta-lhe culto

e acatamento, obedece á sua lei, crê tudo quanto Deus revelou, é docil e submisso á sua fé: numa palavra, é um bom cristão.

Como sabe que nada se esconde aos olhos vigilantísimos de quem o ha-de julgar, vela continuamente não só sobre o seu corpo mas ainda sobre o seu coração e pensamentos, refreando-os quando se querem exceder e reconduzindo-os ao bom caminho, se por acaso se extraviam.

Procede segundo as normas da justiça dando a cada um o que de justiça lhe deve e o que a lei da caridade ordena, abstendo-se do mal por temor da lei humana, mas governando-se mais que tudo pela de Deus, em cujo inflexível tribunal sabe que tarde ou cedo ha de comparecer.

Goza do presente quando licito, e algumas vezes até do licito e permitido se abstém voluntariamente. O que a lei de Deus lhe proíbe, prohibido está, quer o castigue ou não o juiz da Comarca, saiba-o ou não o saiba a vizinhança.

Exemplo da honradez segundo o mundo é esse pai de familia que faltando á educação a seu filho, e dando-lhe ou consentindo-lhe em casa toda a casta de maus exemplos, pouco se importa que elle lhe saia um patife.

E Fulano como enriqueceu tão depressa? Ninguém vai pôr em duvida a sua honradez, mas sabe-se de boa fonte que não perde ocasião de fazer um negócio redondo. Sabe-se que na administração de um cargo ou emprego que teve, arrecadou para o seu mealheiro, com bem pouca limpeza de mãos, quasi tudo o que constitue hoje o seu fabuloso capital.

Outro exemplo é esse honrado cavalheiro que todo se pavoneia af pelos passeios publicos e faz figura nos melhores salões, mas sabe-se que uma certa fazenda, a quinta, o Moinho, as casas foram bens da Igreja, roubados um dia e comprados no dia seguinte quasi de graça em hasta publica pelo nosso honradissimo cavalheiro.

Antonio é honradissimo, ninguém pode pôr pécha á lisura dos seus contractos. Mas praticas religiosas nunca em sua vida as conheceu.

Não reza, não vai á Missa, nem dá esmola, nem pensa em Deus, nem lhe dá cuidado a outra vida. E' de genio pacifico, e até o povo diz: «se não fosse aquilo de não fazer caso de coisas de Igreja... no mais é um sujeito muito honrado.»

Se nisto só consiste a honradez, digo eu: «tão honrado é Antonio como o meu cão, que a ninguém morde nem tem má vontade.»

Uma sementeira de açucenas

Cecilia na manhã do dia em que saia do collegio, esteve longo tempo absorta depois da sagrada Comunhão.

No fim d'aquella longa distracção, disse resolutamente, como quem está decidida a cumprir:—meu Deus juro-vos que vos hei de ganhar almas.

Na pratica de despedida o director espiritual tinha dito ás alunas que se iam embora:

—Agora, minhas meninas, ide e espalhai em volta o bem que puderdes, lançando, por onde puderdes, a semente divina que recebestes nesta casa.

Não seiais flores artificiais secas, sem vida nem odor, mas flores vivas, naturais, verdadeiras. — Semeai açucenas em volta de vós, semeai rosas, que chamem a atenção pela sua candura e fragancia.

Cecilia pensou: Hei-de semear açucenas.

Chegando a casa pediu licença á mãe para ir á Missa todos os dias.

—A' Missa? Isso, basta aos domingos, menina.

—Bem sei. Mas eu gostava tanto de ir todos os dias!...

A mamã, não m'o nega, pois não?

—Sim, mamã, sim, muito obrigada. Vou com a prima que morava perto.

E lá ia, voltando depois contente como uma andorinha. Amiga de fazer vontades, uma solicitude, um modo tão insinuante e meigo, que a mãe andava radiante.

Ia todos os dias á igreja buscar açucenas.

Veio um dia de rigoroso jejum, mas á mesa serviam carne.

—Mamã eu preferia magro.

—Não pode ser, menina.

O papá não pode, eu tambem não e tu... tão fraca...

—Eu, mamã? ó! papá, dê-me esse gosto papasinho! E abraçou-o com uma tal ternura que provocou lagrimas ao pobre pai. Como havia elle de contrariar aquella tão boa Cecilia, tão submissa, tão carinhosa?

E, por causa d'ela, começou naquella casa a usar-se de peixe nos dias de jejum.

Começava a semear açucenas.

Numa noite de inverno diz ella:

—Mamã, as creadas rezam?

—Eu sei lá!...

—Então eu vou ver, quer mamã?

Lá foi. Pôz-se no meio da creadagem, que formou em volta d'uma meza da cosinha.

—Agora, antes de se irem deitar, vamos todos, rezar o terço a Nossa Senhora. Disse isto com tanta graça que todas disseram logo que sim, mesmo porque gostavam muito daquelle anjo, como lhe chamavam.

Rezou mais umas orações disse umas coisitas sobre Nosso Senhor, deu as boas noites depois de agradecer por lhe terem feito a vontade e... foram-se deitar.

D'ali por diante foi sempre assim. Continuava a semear açucenas.

Um mês depois disse ao pai:

—Se o papá soubesse como é lindo agora lá em baixo na cosinha!...

E levou-o pelo braço.

Abraçou e beijou sofregamente a filha, que lhe enxugava, a rir-se, as lagrimas.

—Como és boa, minha filha!... Quem me dêra ser como tu!...

E' punha-se a olhar para ella muito parado, com lagrimas tambem muito paradas.

Ainda não acabou.

Espera muito mais. Vai todos os dias buscal-as á Sagrada Comunhão, as açucenas de que tem já um tão lindo canteiro.

Ela, porem, não se contenta com um canteiro, quer fazer um grande jardim. E com certeza o conseguirá, tanto mais que anda metido no caso o Divino Jardineiro.

OS ANOS DA MIMELA

—Que tempo tão triste, mamã para o dia dos meus anos!

—Triste porquê?

—Então não vê como encobriu? Um tempo nevoeiro e humido?—

Até me faz andar triste tambem.

—Tu triste Mimela?

Não te quero triste.

Tu tão nova? Não.

A tua idade não é para tristezas. Canta, ri, alegra-te mas sempre em Nosso Senhor sim?

—Oh mamã eu não sei dizer-lhe que não, mas custa-me tanto, não sei que é mas não posso.

O sabado amanheceu enfim carrancudo

e triste. O céu nos outros dias tão azul tão cristalino, ensombrara-se como se uma nuvem de cinza e fumo se tivesse interposto entre nós e o sol.

O horizonte, que até ali deixava perder a vista lá ao longe numa linha sumida a tentar separar o mar do firmamento, cerrava-se hoje a poucos metros por uma nuvem baça a manchar as ondas dos mais esquisitos tons.

Tinha razão a Mimela. Fazer anos num dia tão triste!... Que pena!...

—Eu queria um dia claro um dia de sol lindo como o brilho dos nossos olhos para correr, saltar de penedo em penedo a brincar com as ondas e com as minhas irmãs... um dia que fosse o espelho da minha alma.

Assim... tão triste... fico triste tambem... E realmente os olhos de Mimela estavam mortiços no dia dos seus anos.

Aquele todo, vivo e agitado que nos outros dias a caracterisava desaparecera quasi por completo.

Era um socego que fazia apreensão e que se tornava notado no contraste da rija notada que soprava a encrespar as ondas em franjas mais lindas e mais caprichosas do que a mais linda renda de bilros.

De manhã foi á Missa celebrada por sua intenção na capelita ao cimo da aldeia. Cincoenta pessoas talvez, umas amigas intimas outras desconhecidas assistiam ao Santo Sacrificio com uma piedade e recolhimento notável.

Nem um decote mais atrevido, nem uma manga que não chegasse ao pulso: nada enfim que olhos pudicos não pudessem ver.

Isso notara Mimela ao entrar e nem só ella que na vespera um padre que ali estava tinha falado sobre a moda e a attitude das senhoras cristãs em relação a ella.

Porisso não havia uma unica senhora ou menina a dentro da capelita que não tivesse sido examinada da cabeça aos pés.

Mimela ia modesta e elegante no seu vestido branco com fitas de azul celeste e um grande chapéu de palha a esconder-lhe a cabeça quasi por completo.

Era o seu traje habitual na capela, traje muito simples, muito lindo muito modesto quando uma pontinha de vaidade ou de respeito humano lhe não apertava e subia demasiadamente o cinto até o esconder numa dobra de pano que algures havia de faltar.

Naquelle dia Mimela soubera resistir á tentaçãozinha de vaidade ou seguir mais docilmente os conselhos da mãe.

Ao entrar olhou curiosa para as que já estavam e ficou ruborisada.

Não era sincera aquella attitude de algumas senhoras. Pois não tinham ellas ido criticar asperamente a pequena alocação da vespera sobre a imoralidade da moda moderna? Como é que então iam tão modestas hoje? Era para sempre?

Não.

Logo, na praia, continuavam como dantes numa torpe exposição. Depois, mais tarde a mesma petulancia, a mesma modestia de até aqui.

Revoltou-a aquella doblez de character. Impressionara-a a alocação da vespera com algumas das suas mais vibrantes passagens.

Custava-lhe... era necessário sacrificar-se... vencer-se mas o padre tinha razão... não fôra violento mas verdadeiro, sincero: era forçoso confessar-lo.

—E então?...

—Então... era preciso reformar em si alguma coisa que não ia bem, que a podia desviar do bom caminho e da amizade do Senhor.

A missa era por intenção della—sabia-o bem e parecia-lhe que o Senhor lhe pedia alguma coisa mais a unir-se no Santo Sacrificio á Vítima Divina.

Porque era insufficiente o Santo Sacrificio para agradecer a Deus os beneficios passados, e pedir-lhe outros novos para impetrar perdão para o passado e força para o futuro?

De forma alguma!...

Mas parecia-lhe que o Senhor lhe falava intimamente e lhe pedia o sacrificio intimo de alguma coisa sua.

Alguns amigos a surgir, a esboçar-se? Não. Algum affecto menos prudente? Não.

Ao momento dos vivos, quando mais recolhido o sacerdote orara especialmente por ella ao Senhor, Mimela recolheu-se tambem e ouvi-O no fundo da alma.

Era pungente para ella aquelle sacrificio-sito...

Ah se o Senhor soubesse—Sabia perfeitamente.

As lagrimas rebentaram-lhe dos olhos silenciosamente e, caindo como um orvalho de pérolas sobre o azul das fitas, iam confundir-se envergonhadas na alvura immaculada do vestido não fosse alguém vê-la, descubri-las.

E assim aquellas lagrimas iam juntar-se

às gotas do Sangue Divino deante do trono do Altissimo.

Mimela ficou profundamente recolhida até o fim da Missa.

Recebeu o Senhor e as lagrimas rebentaram de novo. Era o selo duma promessa. Era natural. Aos 14 anos gostava de aparecer, de se tornar notada, de se fazer apreciar. Tão nova, naquella idade...

Mas Elle pedia. No dia dos anos, em recambio de tanta graça:

—«Renuncias ao mundo e a todas as suas pompas e vaidades?»

E entre lagrimas mas decidida, ardeente, voluntariamente em resposta.

—«Renuncio».

—Prometes no mundo dar sempre exemplo de modestia no vestir e em todo o teu porte?

Não sacrificares nunca a tua virtude á moda?»

Recolher-te comigo quando o mundo te solicitar?»

«Prometo, Senhor!»

Fôra aquelle o agradecimento ás grandes consolações e graças que o Senhor lhe dera por prenda de anos.

E cá fôra quando a chamou ao lado para lhe perguntar porque estava triste ao olhar para ella a mãe notou-lhe nos olhos um brilho, um fulgor desusado e ouviu-lhe pronunciar num mixto de ternura e carinho:

—«Mãesinha, tenho um segredo a dizer-lhe.

—Dize lá.

—Olhe não quero nunca mais nem decotes no peito ou nos braços nem vestidos muito curtos.

—Está bem filha, fazes bem, mas, porque me vens dizer isso agora e tão contente?... Mas tu choraste?!...

—...Chorei... Mas... prometi-o a Jesus no dia dos meus anos.

E do pé da mãe em cujos olhos furtivos bailaram duas grossas lagrimas, lá se foi alegre e contente como se nada de extraordinário se tivesse passado na sua alma.

O tempo desanuviou durante o dia e depois de descarregar em chuva como em lagrimas descarregára a tristeza de Mimela poz-se um dia lindo dum sol brilhante como os seus olhos depois da comunhão.

As ondas desfaziavam-se em espuma clarinha clarinha a querer lutar em alvura com o vestido della.

E tão puro era o ar tão lindo o céu tão encantador o mar que muitos admirados perguntavam que haveria de extraordinário naquella dia e as amiguinhas por troca e galanteria respondiam apressadas: «Não sabe? São: os anos da Mimela.»

Morto pela peste

Uma pequenita de seis anos, depois da sua primeira comunhão, fez-se catequista voluntaria.

Cada dia, em vez de ir brincar, depois da aula, instalava-se junto das outras creanças, ensinava-lhes o «Padre Nosso» e a «Ave Maria» e fazia-lhes beijar a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Pelo caminho, quando se dirige para a igreja ou para a escola, vae passando as contas do seu terço, a fim, diz ella, de lembrar ás pessoas que encontra a conveniencia de rezarem tambem.

Uma tarde, na lição de catecismo, pergunta-lhe a mestra.

—Victoria, como morreu Nosso Senhor Jesus Cristo?

A creança reflecte um pouco e, em seguida, em tom comovido, responde:

—Morreu da peste.

Gargalhada geral de toda a aula.

Mas Victoria não ria. Com um ar muito convencido e fixando as suas companheiras, deu esta explicação:

—Não nos disse a nossa mestra ha dias que o peccado é a peste da alma?

Portanto, se foi por nossos peccados que Nosso Senhor morreu, morreu da peste!

Eu quero receber o Menino Jesus

Ha tanta gente que julga que as creancas não são capazes de receber convenientemente a Nosso Senhor!

«Porque não comprehendem o que vão fazer!»

«Porque são incapazes de reflexão!»
«Porque fazem tudo distraidamente!»
«Porque não podem ainda sentir amor, um amor sobrenatural!»

E por tantas outras razões que o descuido de uns e o escrupulo de outros forjam e fazem passar por boas.

E creancinhas ás vezes com um desejo ardentissimo de unir a sua alma e o seu coração ao de Jesus vão esperando, esperando talvez até que, cançadas, sem alimento se deixam cair nos laços do demónio.

Perdem assim longe de Jesus ou pelo menos longe da sua intimidade a primavera da vida que devia desabrochar em flores de virtude e piedade.

Por seu lado, de dentro do Sacrário, o Divino Prisioneiro **cujas delicias são estar com os filhos dos homens** — não assim entre eles — mas dentro deles — bem no íntimo do coração, Jesus tem de esperar muito, muito até entrar sacramentalmente naquelas alminhas em botão.

O Papa convida as creanças á comunhão. Mas a voz do Papa não é ouvida ou pelo menos não é acatada por muitos pais...

Os Bispos com grande solicitude de pais e pastores ensinam, animam, entusiasmam.

Mas ha ainda quem não faça caso. Quanto o Bom Jesus não tem de esperar.

Como se consome!

Como aneia por aquele dia da 1.ª Comunhão em que pela primeira vez irá unir a Si aquela inocência, aquela candura!

Que tremenda responsabilidade a destes pais!

Mas, graças a Deus nem todos assim são.

Ha pais que, consciós da sua Missão ainda os seus filhos mal começam a falar e já eles lhes vão ministrando os rudimentos da doutrina Cristã.

Pouco a pouco vão desenvolvendo esses germens e quando a sua sciencia, já não basta enviam-nos á igreja parochial a receber a instrução daquelle a quem o Senhor pôz por Ministro de tal ministério — o pároco ou outro sacerdote.

Quanto não é necessário trabalhar para trazer os pais católicos até á realisação deste ideal!

Mas não desanimemos.

Pertencia a esta classe o pai do pequenito, microscópico João António — uma creança precocemente viva que toda a gente da terra conhecia e estimava profundamente.

Inteligente, palrador, brincalhão a sua tez morena dava-lhe aos olhos um brilho singular que o tornava simpático desde o primeiro encontro.

Mas sobre tudo isso João António era bom como todas as creanças que têm alguém a cultivá-las, a dirigil-as a servir-lhes de guia.

Tão bom que aos 6 anos o pai julgava chegado o tempo de o deixar aproximar da Mesa Sagrada.

João António preparou-se cuidadosamente.

Comungou.

Contente satisfeito, consciós do que fazia João António sem perder da memória a lembrança daquelle dia tão grande e tão feliz pediu para continuar a comungar e conseguiu-o.

Todos os dias não que lh'o prohibia a idade e as occupaões do colégio — mas de quando em quando por occasião de alguma festa de familia ou da Igreja, João António ia recebendo o seu Jesus, sempre com o mesmo fervor, a mesma devoção do Grande Dia.

Ah como Jesus ali descia contente!

E Ele ia acendendo naquela almita um amor mais vivo — ia-lhe infundindo um conhecimento mais profundo — ia-a enriquecendo e embelezando cada vez mais — que a cada nova comunhão bem feita a nossa alma fica mais forte, mais perfeita, mais rica, mais linda.

Um dia, de viagem, João António passava pela Fátima.

Era já tarde mas os pais iam ainda em jejum para comungarem.

Porque ninguem ainda tinha comido João António ia em jejum e no seu íntimo com intenção de comungar também.

Começou a missa a que todos assistiram.

João António a principio um pouco inquieto acabou por socegar por ficar recolhido.

Mas aquele recolhimento parecia demasiado para a sua idade e temperamento.

E' que lhe iam faltando as forças: estava fraco.

Realmente dai a pouco desmaiava.

Levaram-no para fóra do recinto banharam-lhe a cabeça com água fria; pouco e pouco volta a si... abre os olhitos e quando o pai lhe oferece um copo de água para beber João António diz num tom de imperiosa meiguice:

— Paisinho eu queria receber o Menino Jesus.

— Outro dia filho. Hoje não.

— Hoje, hoje.

— Torna a desmaiar. Tu não aguentas.

— Aguento sim paisinho.

João António lá foi de novo para junto do altar seguindo a missa.

Aproxima-se a comunhão. João António recebe o Menino Jesus e fica mais ou menos recolhido até ao fim da missa.

A mãe ensinou-lhe uma pequenina acção de graças — que o João António ainda não sabe ler — e depois disse-lhe que fosse resando ao S.S.mº Sacramento que ele tinha dentro do peito enquanto ela resava tambem.

O sacerdote retirou-se do altar e quando veio já o pequeno João António ali não estava.

Nem admira.

Um dia um pequenito talvez da idade do João António foi comungar com a mãe á igreja.

Recolhida com Nosso Senhor a mãe não pensou no filho.

De repente vem-lhe á lembrança volta-se e vê o filho a passejar pela igreja admirando uns quadros que ali estavam.

Foi buscá-lo para junto de si:

No fim cheia de escrupulos foi falar com o Sr. Prior não fosse caso que o seu filho ainda não tivesse discernimento para comungar.

O sacerdote socegou-a e depois interrogou o pequenito:

— Dize-me cá: então tu foste-te pôr a olhar para os quadros depois da comunhão?

— Fui sim senhor. Porquê, é pecado?

— Não. Mas então tu não sabes o que tinhas ido fazer.

— Fui receber a Jesus.

— E, quem é Jesus?

— É Nosso Senhor, é Deus, é...

— Porque lhe não agradeceste então o Ele vir-te visitar habitar no teu coração?

— Perdão Sr. Prior! Eu agradeçi-lhe

— Como?

— Quando acabei de receber a Nosso Senhor recolhi-me um pouquinho a pensar n'Ele e depois disse-lhe como a mãezinha me ensinou a dizer quando alguém me dá alguma coisa «M.to Obrigado meu Jesus»

A mãe e o sacerdote ficaram então convencidos de que ele dera graças segundo a sua capacidade.

Era tambem assim o João António.

Apenas o pai se ia a levantar correu para junto dele e com um olhar extraordinariamente brilhante donde se via desprender uma alegria, uma satisfação singular diz-lhe.

Então aguentei ou não aguentei?

E a mãe com os olhos húmidos de alegria pela boa acção do filhito em paga estampou-lhe na face um grande par de beijos.

Agora neste mês do Santo Natal quando do gelado ambiente do Presépio o Menino Jesus anhela o calor dum affecto ardente na alma pura no coração inocente das creancinhas vamos nós consolá-l'O dispondo, preparando as almas e os corações das nossas creancinhas para receberem o Senhor.

E não façamos calar na alma, no coração e nos lábios das creancinhas este pedido instante este grito de amor que pare-

ce elevar-se dos lábios de todas as creancinhas educadas cristãmente logo ao alvoroçar da razão como na Fátima se elevava imperioso dos lábios e dos olhos do pequeno João António.

«EU QUERO RECEBER O MENINO JESUS!»

VOZ DA FÁTIMA

Despezas

Transporte	86.314\$84
Papel, composição e impressão do n.º 62 (38.500 exemplares)	2.304\$00
Selos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc	724\$17
	89.343\$01

Subscrição

(Janeiro e Fevereiro de 1927)

Enviaram dez escudos: Brites Alves Andorinha, Maria José de Jesus Pereira, Augusta Rodrigues, Natalia Santos, Olimpia Quintela Lopo, Maria da Piedade Santos, P.e António José Rodrigues, P.e Francisco Pereira (40\$00); Ismenia Leite Barbosa, Eliza Barbosa Vieira, Maria da Assumpção Lucas, Maria Pedrosa, Manuel dos Passos Freitas, P.e Augusto José da Trindade, (30\$00), Maria da Piedade de Figueiredo Pacheco Teles, Aurelia Paes Pereira, Cecilia Correia da Costa, P.e Augusto Cardoso de Barros P.e Ismael Augusto Guedes, Maria Isabel Fernandes, Maria do Espírito Santo Correia, Manuel Marques Morgado, Branca d'Abreu de Magalhães, Leonardo Francisco, Maria Leonor d'Oliveira Freitas (30\$00), P.e António Maria dos Santos Campos, Eugénia Gomes Pereira, Maria Emilia Tinoco Lobo, Laurinda Marques (20\$00), Leonídio Ribeiro da Costa Santos, Rosa Boto Machado (50\$00), João Sam Romão, Domingos Marques de Pinho, Beatriz da Conceição Tavares (15\$00), D. Leopoldina da Conceição Nunes Lobato, Joana Lobato da Fonseca, António Emílio da Cruz e Silva, Adelaide da Conceição Mendes, Adelaide de Souza Chambers, Antónia Moreira Freire Velloso da Costa, Maria de Lourdes de Albuquerque, Adelino Simões Gil, P.e Manuel Vieira dos Santos (60\$00), P.e Joaquim Pereira dos Santos Aragão, P.e Julio António Esteves, P.e Adriano de Souza Vieira, Elvira d'Abreu Malheiro Marinho Falcão (25\$00), Ermelinda Coelho da Rocha, José d'Oliveira Diniz, Luiza Toscano Pessoa, Maria Izabel, Figueiredo Martins, Laura Avelar e Silva Lobo (20\$00), Leonor de Castro Constancio (20\$00), P.e Manuel António da Conceição; Maria Joaquina Tavares de Proença de Almeida Garreth, Gertrudes Oliveira Santos Pinto, Francisco Fernandes Pombó, Jacinto Pedro de Souza, Venina Alves Peixoto, Jacinto Gago da Camara (20\$00), Joaquim Maria Soeiro de Brito, Olimpia d'Oliveira Valadares Prêto, Guadalupe Calado, Amélia Granja, P.e Evaristo Carreiro Gouveia (60\$00), Maria Julia Botelho (12\$50), Benjamim António Ferreira (20\$00), António Martins dos Santos, Luiza Maria Ribeiro d'Almeida (20\$00), Fernando Martins Pereira (15\$00), Mário Barros, José Correia, João Maranhoto, Francisco Pedro Carvalhosa Junior, Filipe Cesar Goes do Bocage, Maria das Mercês Henriques, Sebastião Henriques, Maria da Conceição Faria e Almeida, Amélia Santos Fonseca, Maria de Lourdes Climaco Reis, Julia Afonso Sertil, Sofia Relgalão, Candida Castro, Clotilde Castro, A. B. Lopes (15\$00), A. J. Pinto, J. Luiz, H. da Conceição, Luciano L. Pires (12\$00), A. B. Salazar, P.e João Lopes Gomes, Alexandre Coelho da Costa, P.e Alberto Pinto de Souza, Emilia Pizarro de Portocarreiro, Maria Natividade de Alves Assis Teixeira (20\$00), Maria Angelina de Almeida, Carolina Malheiro Mendonça, Maria Emilia Minhava, Ana Maria Carvalhal Peixoto, Felicidade Amorim, P.e Joaquim Duarte Alexandre, Ana Maria Dias de Sá Pereira, António Fernandes, (15\$00), Maria e Joaquina Diniz Henriques, Amélia Brazão Machado, Felicidade Maria de Jesus, Leonor Rosa de Viterbo, José António Carrega, Maria da Natividade Mamede P.e João da Costa Campos, Rufina de Jesus Marques, Joaquim da Silva Carvalho, Agostinho Tomáz Correia, Maria dos Santos Bruno, Maria Joana Correia Bagulho (20\$00), D. Maria Bagulho Fernandes (20\$00), João Ribeiro, Luiza Toscano Pessoa, Joaquim Urbano, Maria Carvalhi-

no, Rosa Paes Vieira, Jacinto Pedro do Souza (20\$00), Maria do Carmo Martins, P.e Henrique Fernandes da Silva, Maria Correia, P.e Agostinho Pinto Velloso, Tezera Alcalde Ribeiro Teixeira, Francisco Montes, Maria José Viçoso, Francisco Ferreira Viçoso.

Abrigo para os doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	5.277\$55
D. Maria Luisa Vargas Pinto ...	12\$50
João Carlos Rodrigues (America do Norte)	100\$00
D. Ana Silva	100\$00
Henriques Elias	40\$00
	5.530\$05

HOTEL DA FATIMA, LIMITADA

Torna-se publico que por escriptura de 8 de Maio corrente, outorgada perante o notario Eugénio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a denominação de «HOTEL DA FATIMA, LIMITADA», nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.ª-Fica constituída nesta data para durar por tempo indeterminado sob a denominação «HOTEL DA FATIMA, LIMITADA», uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede em Fatima, Concelho de Vila Nova d'Ourem, sociedade que se destina á exploração da industria hoteleira, alem de qualquer outro commercio ou industria que lhe convenha explorar.

2.ª-O capital social é de 60.000\$00, está integralmente realizado em dinheiro no cofre social, e fica constituído por trez quotas sendo 2 de 24.000\$00 de que pertence uma a cada um dos socios João de Saldanha Oliveira e Sousa e Manuel Teixeira Pinto e uma de 12.000\$00 pertencente ao socio Hermann Barroso Kluff da Veiga.

3.ª-Não serão exigíveis prestações suplementares de capital mas qualquer dos socios poderá fazer supprimentos á sociedade ao juro e sob as demais condições que entre si convencionarem.

4.ª-As cessões quer parciais, quer totais, de quotas entre socios ficam livremente permitidas; porem, a cessão a extranhos fica dependente do expresso e prévio consentimento da sociedade em primeiro logar e dos demais socios em segundo logar.

5.ª-A gerencia e administração da sociedade fica a cargo de todos os socios, com dispensa de caução e com a remuneração que estabelecerem por deliberação social, gerentes que, n'essa qualidade, representarão a sociedade em todos os seus actos e contractos e nas suas relações com terceiros, sendo, necessaria a assignatura de dois gerentes para obrigar a sociedade.

6.ª-Annualmente será dado um balanço, que reportando-se a 31 de Dezembro, deverão estar escriptos e assignados dentro dos trinta dias subsequentes; os lucros, que pelos balanços forem apurados, depois de retirada a percentagem minima de 5% para o fundo de reserva legal serão distribuidos pelos socios na proporção das respectivas quotas sociais, prorrateio em que serão sofridas as perdas, havendo-as.

7.ª-As deliberações sociais constarão d'actas ou d'outros documentos que sejam escriptos e assignados pelos socios, podendo as reuniões ter logar seja qual for a forma por que tenham sido feitas as convocações, e podendo o socio ausente ou impedido de comparecer na reunião enviar o seu voto ou deliberação em simples documento escripto e assignado pelo seu punho.

8.ª-A dissolução da sociedade dar-se-ha por qualquer dos motivos e fundamentos legais, mas nunca pela vontade, morte ou interdição d'um socio; e a liquidação social será feita como os socios conviêrem e seja de direito; e na falta de accordo, recebendo e realizando todos os valores do notario, pagando todo o passivo, e dividindo o saldo restante pelos socios na proporção das quotas que então possuam na sociedade.

9.ª-Em todo o omissio a sociedade reger-se-ha pelo que dispõe a lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

Lisboa, 12 de Maio de 1926.

O NOTARIO

Eugenio de Carvalho e Silva

Por escriptura de 30 de Julho de 1926, outorgada perante o notario abaixo assignado, foi augmentado o capital desta sociedade e substituído os artigos 1.º e 2.º do seu pacto social, mantendo, contudo, em vigor os §§ do art.º 2.º, artigos que ficaram assim redigidos:

1.ª-A sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «HOTEL DA FATIMA, LIMITADA», constituída por escriptura de 8 de Maio de 1926, n'estas notas, continua existindo sob a mesma denominação com duração por tempo indeterminado, com sede no logar denominado «Cova da Iria», na freguesia de Fatima, Concelho de Vila Nova de Ourem, tendo por objecto a exploração do Hotel ali situado denominado «Hotel da Nossa Senhora do Rosario da Fatima», alem de qualquer outro commercio ou industria que lhe convenha explorar.

2.ª-O capital social é de 84.000\$00, integralmente realizado, representado por dinheiro e pelos demais valores constantes da escriptura social, e fica constituído por 4 quotas, sendo 3 de 24.000\$00 de que pertence uma a cada um dos socios João de Saldanha Oliveira e Sousa, Manuel Teixeira Pinto e Horacio Costa e uma de 12.000\$00 pertencente ao socio Hermann Barroso Kluff da Veiga.

Lisboa, 12 de Agosto de 1926

O NOTARIO

Eugenio de Carvalho e Silva